

PATHOS, A IMPOSSIBILIDADE DO SABER

Alcino Lagares Côrtes Costa¹



Eco, uma jovem ninfa, amava bosques, montanhas e, especialmente, a sua própria lagoa.

Entrementes, por ser extremamente bem falante e estar chamando a atenção do deus *Zeus*, a esposa deste, *Hera*, movida pelo ciúme, puniu-a: em substituição à sua atraente fala, ela deveria sempre repetir os últimos sons que ouvisse (daí decorre, no campo da *acústica*, a denominação de “eco” à repetição de um som por reflexão da onda sonora, a qual possibilita seu retorno natural ao ponto de emissão direta, pouco tempo depois).



“Eco”, obra do pintor francês *Alexandre Cabanel* (1823-1889)

Alguns dias antes do nascimento de seu filho, o deus *Cefiso* e a ninfa *Liríope* consultaram um **oráculo** (o vidente cego, *Tirésias*) sobre o destino do menino.

Foi-lhes revelado que ele teria uma longa vida, desde que nunca visse sua própria imagem!

Quando o filho nasceu, deram-lhe o nome de *Narciso* e cuidaram para que ele jamais se visse num espelho.

O termo “*Narciso*” deriva de “*Narké*” (grego, significando “*torpor*”. De “*Narké*” deriva-se também a palavra “*narcótico*”).

Ele cresceu e se transformou no rapaz mais bonito do mundo, razão pela qual era desejado por todas as mulheres. Até as *ninfas* se apaixonaram por ele que a todas desprezava (e jamais se aproximou de nenhuma delas).

As moças que se sentiam desprezadas por *Narciso*, em vingança, pediram à deusa *Afrodite* que o matasse.

Afrodite atendeu ao apelo e pôs em *Narciso* a maldição de experienciar o “*pathos*” _ grego: uma espécie de *ansiedade* que nos *faz sofrer* diante daquilo que ignoramos e nos impulsiona permanentemente em busca de um *saber* que possa *aliviar tal sofrimento* _.

Certo dia, estando *Narciso* passeando numa floresta, *Eco* o foi seguindo discretamente.

Porém, *Narciso* desconfiou e gritou, perguntando:

_ “*Há mais alguém aqui?*”, e ouviu: “... *alguém aqui?*”. Ele gritou de novo:

_ “*Quem foge de mim?*”, e ouviu: “... *foge de mim?*”.

Sua curiosidade foi crescendo, sua *ansiedade* aumentando... e ele gritou:

_ “*Venha juntar-se a mim, aqui!*”, e ouviu: “... *a mim, aqui!*”.

À maldição de *Afrodite* somou-se a angústia de ignorar donde vinha aquela voz, fazendo com que *Narciso* fosse além e passasse a desejar *tudo aquilo que não pudesse ver* (logo, a si próprio).

Em busca de alívio para o sofrimento, e para ver o reflexo da própria imagem, dirigiu-se à lagoa de *Eco*.

Ele ficou encantado por sua própria beleza, apaixonou-se perdidamente por si próprio, sentou-se na margem da lagoa, e ficou ali, admirando-se... até morrer!



“Narciso”, obra do pintor barroco italiano Caravaggio (1571-1610)

A deusa *Afrodite* transformou-o, então, numa flor, que recebeu o nome “*Narciso*”.² Frequentemente se fazem interpretações do “*mito de Narciso*” no sentido de “excesso de vaidade”.³

No entanto, a meu ver, ele pode (por conseguinte, deve) _ mesmo enquanto mito _ explicar, na essência do ser humano, *a vontade inata de conhecer a verdade e de encontrar o sentido da própria existência.*

¹ Coronel QOR e presidente da Academia de Letras “João Guimarães Rosa” da Polícia Militar de Minas Gerais

Contatos: cellagares@yahoo.com.br; lagaresimh@gmail.com

² Flor do gênero botânico “*Narcissus*” da família “*Amaryllidaceae*”, cujas cores variam do branco ao amarelo.

³ A origem do mito de *Eco* e *Narciso* é muito antiga, já tendo sido citada nas “*Metamorfoses*” de *Ovídio* (43 a.C.-17) e na “*Descrição da Grécia*” de *Pausânias* (115-180). Freud (1856-1939) utilizou-o para explicar uma forma de anancismo que denominou “*Narcisismo*”.